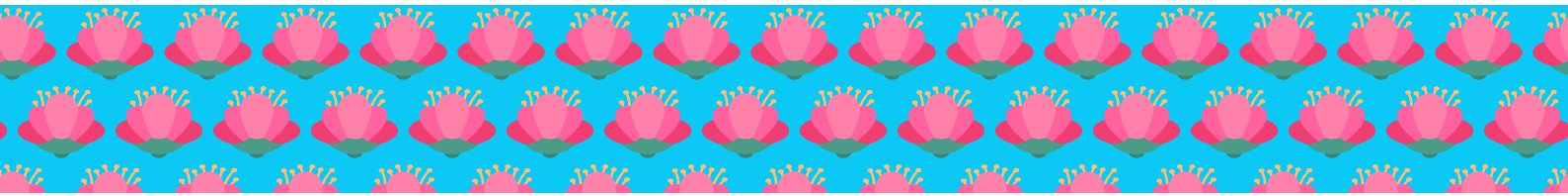
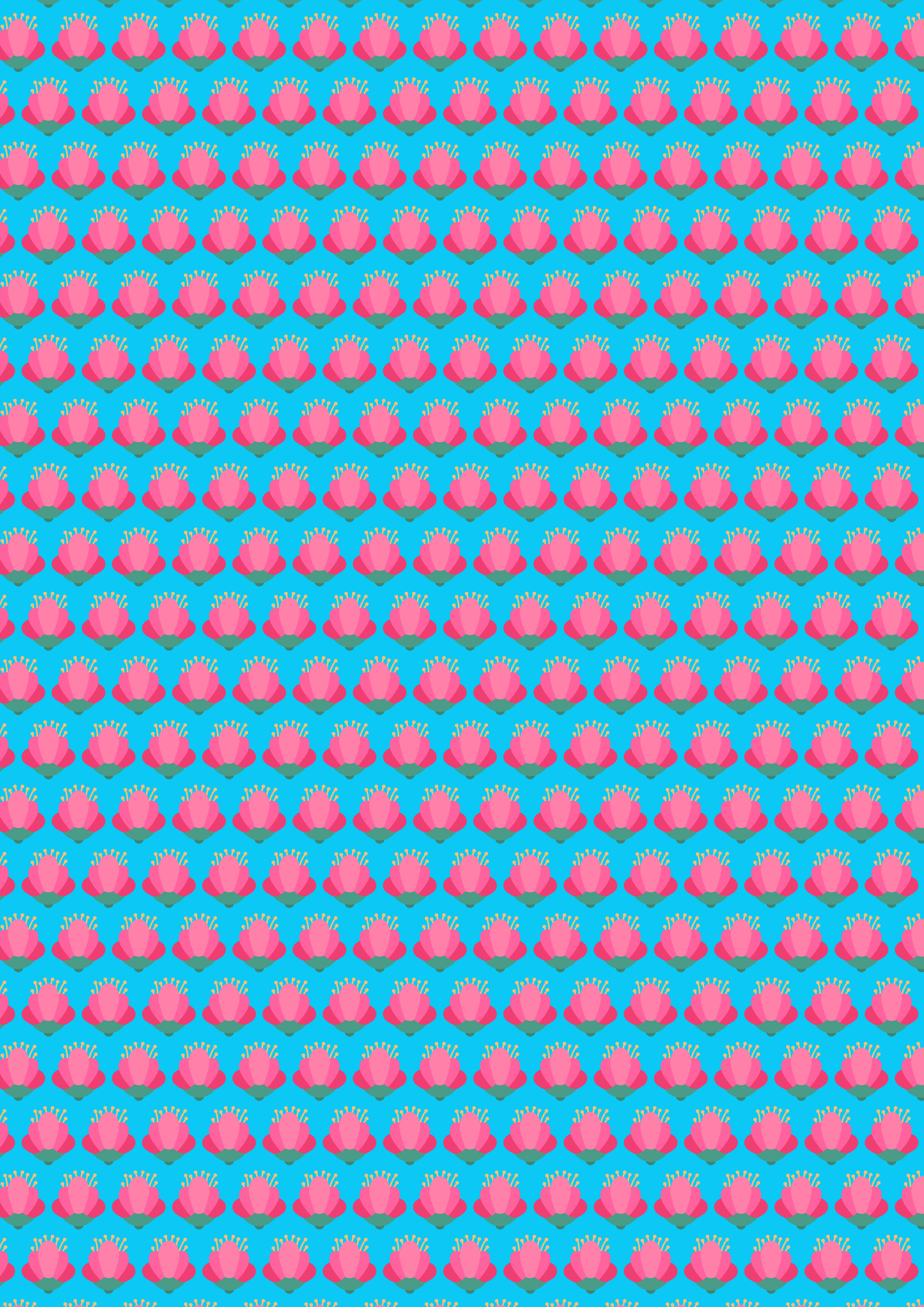


# APRESENTAÇÃO





## Apresentação

Ela já foi chamada pela imprensa de “guerrilheira antiplágio”. No entanto, além dessa espécie de militância aguerrida realizada em prol dos direitos dos tradutores, Denise Bottmann, nascida em Curitiba em 1954, é também uma tradutora respeitada em seu campo de atuação e profícua pesquisadora da História da Tradução no Brasil. Formada em História (1981) pela Universidade Federal do Paraná (UFPR) e mestre em Teoria da História (1985) pela Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), Bottmann foi professora universitária entre 1983 e 1996, tendo lecionado Teoria da História e Epistemologia das Ciências Humanas no Departamento de Filosofia da Unicamp.

O seu trabalho como tradutora do inglês, francês, espanhol e italiano já soma mais 200 títulos<sup>1</sup> publicados, incluindo obras literárias, de teoria e história literária, de história da arte e de ciências humanas. Entre os autores e autoras que traduziu, encontramos Marguerite Duras, Terry Eagleton, Katherine Mansfield, Edward Said, Virginia Woolf, Susan Sontag, Henry David Thoreau e muitos outros. Bottmann costuma trabalhar para editoras como a Companhia das Letras, a L&PM e a antiga Cosac Naify. Embora tenha iniciado seus trabalhos com tradução nos anos 1980, foi apenas em 2005 que começou a se dedicar à atividade com mais constância.

Participante ativa em redes sociais e páginas na internet, Bottmann criou o blog *não gosto de plágio* em novembro de 2008. Por esse meio, denuncia fraudes de tradução e advoga pelos direitos autorais dos tradutores, mas também registra levantamentos e listas de tradução dos mais diversos autores, tradutores e editoras. Seus primeiros anos com o blog foram muito ativos: em 2010 já havia denunciado de 110 a 120 casos de plágio, atingindo 16 editoras. Mas as denúncias não se limitavam ao blog: em maio de 2009, por exemplo, Bottmann entrou com uma série de representações no Ministério Público Federal<sup>2</sup>, relatando atividades suspeitas de plágio em diversas editoras — traduções já publicadas eram, então, minimamente alteradas e ganhavam novas assinaturas, por vezes até de tradutores que sequer existiam. Em setembro do mesmo ano, foi processada por uma das

---

<sup>1</sup> O currículo Lattes de Bottmann, atualizado em 18 de março de 2024 na data da consulta, lista 200 traduções de livros, incluindo alguns ainda no prelo, sem contar artigos, catálogos e outros textos, com data inicial de 1984. No entanto, o número real de traduções é ainda maior, visto que encontramos livros não listados na seção de publicações. Disponível em: <http://lattes.cnpq.br/4979718236781288>. Acesso em: 2 set. 2024

<sup>2</sup> Entre as diversas notícias que relataram o caso à época, podemos citar a coluna publicada no site da editora L&PM, “Tradutora apela ao Ministério Público contra plágios e fraudes em traduções”, que reúne, inclusive, a reprodução da solicitação enviada ao Ministério Público. Disponível em: [https://www.lpm.com.br/site/default.asp?TroncoID=805136&SecaoID=816261&SubsecaoID=0&Template=../artigosnoticias/user\\_exibir.asp&ID=828190](https://www.lpm.com.br/site/default.asp?TroncoID=805136&SecaoID=816261&SubsecaoID=0&Template=../artigosnoticias/user_exibir.asp&ID=828190). Acesso em: 2 set. 2024.

editoras denunciadas. O fato gerou uma onda de apoio da categoria, sendo que 3 mil tradutores e tradutoras firmaram um abaixo-assinado em sua defesa. A repercussão midiática do caso foi grande e trouxe como consequência positiva o fato de chamar a atenção para o ofício do tradutor no Brasil. O inquérito resultante das ações de Bottmann contribuiu para o reconhecimento, a visibilidade e a conscientização do trabalho dos tradutores no país, mesmo que muito ainda precise ser feito em termos de valorização profissional.

A pesquisadora e tradutora também compartilha abertamente suas reflexões sobre o tema em entrevistas para jornais e revistas acadêmicas. É bastante comum, por exemplo, ver declarações sobre seu processo de trabalho, os títulos traduzidos e suas percepções gerais sobre a profissão. Em uma entrevista dada à Folha de S. Paulo publicada em 2010, Bottmann comenta que sua atuação no campo de História da Tradução surge “[da] ideia de que a cultura não se constrói num estalar de dedos. O português é uma língua secundária, o Brasil é um país que depende essencialmente de tradução, quer dizer, a tradução não é só uma tradução. Basta pegar quem são nossos tradutores: Machado, Bandeira, Drummond, Cecília Meirelles” e ainda atribui o constante interesse à “formação de historiadora”. Por outro lado, distancia o lado pesquisadora da faceta de tradutora ao afirmar<sup>3</sup> que não o encara como um fator de legitimação para o seu ato tradutório.

A ideia de que a tradução é uma parte fundamental para a formação de literatura traduzida e nacional no Brasil é, ainda, desenvolvida em outros momentos. Em 2013, em entrevista concedida ao blog *Nada de meias palavras*, Bottmann elabora a discussão:

O Brasil é um país de formação eminentemente traduzida. É impossível imaginar o país sem depender vitalmente de tradução, em todos os níveis, de bula de remédio e manual de instrução a tudo o que se tem de biologia, física, química, astronomia, filosofia, direito, sociologia, antropologia, economia, teologia, engenharia, matemática, informática, literatura, o que for. No Brasil, até *desenvolvemos* conhecimentos, mas a partir de bases previamente dadas e sempre dentro de uma dinâmica constante de renovação, que se dá sobretudo em plano internacional. A produção dessa base de conhecimento no mundo ocidental sempre se deu em outra língua que não o português — grego, latim, inglês, francês, alemão, mesmo árabe, e um pouco talvez em italiano e espanhol. E essa dinâmica científica, cultural, intelectual em sentido amplo, continua a ser abastecida basicamente em centros internacionais. Acho que a pergunta é: como seria o Brasil sem tradução?<sup>4</sup>

<sup>3</sup> Entrevista concedida a Myllena Ribeiro Lacerda e Naylane Araújo para o programa *Enquadrando o Tradutor*, realizado pelo Programa de Pós-Graduação em Estudos da Tradução da Universidade Federal de Santa Catarina, em 2021. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=7DBoynOLAK4>. Acesso em: 2 set. 2024.

<sup>4</sup> “Especial Fim de semana: Entrevista exclusiva com a tradutora Denise Bottmann”, *Nada de meias palavras*, 18 de janeiro de 2013. Disponível em: <https://nadademeiaspalavras.wordpress.com/tag/nao-gosto-de-plagio/>. Acesso em: 2 set. 2024.

Assim, fica evidente o reconhecimento por parte da pesquisadora da importância da tradução no sistema literário brasileiro. Nesse sentido, é importante mencionar que, por vezes, Bottmann mantém blogs compartilhando reflexões sobre o seu próprio processo tradutório: “quando o livro é especialmente sedutor e a editora autoriza, gosto de criar um pequeno *blog* de acompanhamento da tradução, com links, materiais de pesquisa, problemas e situações do texto e assim por diante” (Bottmann, 2015). Entre eles, podemos destacar *traduzindo mrs. dalloway*<sup>5</sup>, *ao farol*<sup>6</sup>, *traduzindo mulherzinhas*<sup>7</sup> e *traduzindo o pequeno príncipe*<sup>8</sup>. As três primeiras traduções saíram pela L&PM, respectivamente, em 2012, 2013 e 2015, e a última, pela editora Novo Século, em 2015. Essas discussões são abrangentes — por vezes, incluem apontamentos de aspectos específicos do texto ou ponderações que poderiam atrair apenas um público já interessado em questões de tradução e não leitores mais amplos, mas que se tornam um registro precioso de uma leitora e tradutora atenta. Em entrevista concedida à professora, pesquisadora e também tradutora Luci Collin em 2019, Bottmann, por exemplo, comenta que entender um texto passa por “entender as articulações daquela frase dentro da construção geral da obra, princípios estruturais e compositivos utilizados pelo autor” para, em seguida, “decifrar o texto original [...] e reconstituir essa decifração num outro texto e em outra língua”.<sup>9</sup>

No âmbito dos levantamentos de História da Tradução no Brasil, Bottmann preocupou-se em resgatar títulos que compunham coleções editoriais que marcaram época, como a Coleção Amarela, da Globo de Porto Alegre, a Rubáiyát, da José Olympio ou, ainda A Biblioteca do Leitor Moderno, da Civilização Brasileira. Ela também realizou inúmeros levantamentos da obra tradutória de figuras muito conhecidas pelos leitores, como Manuel Bandeira, Cecília Meireles, Leonardo Fróes ou Mario Quintana, e outras menos conhecidas, como Primavera das Neves, Pepita de Leão etc. Outro tipo de pesquisa que costuma realizar é a minuciosa reunião de todos os títulos traduzidos e publicados de determinado autor ou autora. São artigos com listas como: Gustave Flaubert no Brasil, Giovanni Boccaccio no Brasil, Joseph Conrad no Brasil etc.

Quem se relaciona com Bottmann percebe facilmente o seu grande entusiasmo com as pesquisas no campo da tradução, não apenas as próprias, mas também as dos colegas e estudantes. Está sempre atenta aos projetos e às pesquisas que surgem, incen-

<sup>5</sup> Disponível em: <https://traduzindomrsdalloway.blogspot.com/>. Acesso em: 2 set. 2024.

<sup>6</sup> Disponível em: <https://aofaroldewoolf.blogspot.com/>. Acesso em: 2 set. 2024..

<sup>7</sup> Disponível em: <https://traduzindomulherzinhas.blogspot.com/>. Acesso em: 2 set. 2024.

<sup>8</sup> Disponível em: <https://traduzindoopquenoprincipe.blogspot.com/>. Acesso em: 2 set. 2024.

<sup>9</sup> “Entrevista”, *Não gosto de plágio*, 22 de junho de 2024. Disponível em: <https://naogostodeplagio.blogspot.com/2024/06/entrevista.html>. Acesso em: 5 set. 2024.

tivando, divulgando em suas redes e oferecendo observações construtivas. Vários dos depoimentos reunidos para esta homenagem são testemunhos de sua generosidade e gosto pelo trabalho em equipe. Bottmann, portanto, mostra-se como uma voz expressiva e relevante para compreender os rumos na História da Tradução do Brasil. Suas diferentes contribuições, sejam em blogs e redes sociais, sejam em entrevistas ou publicações em revistas acadêmicas, demonstram uma percepção apurada do que foi e é produzido no país em termos tradutórios, além de suas próprias contribuições como tradutora, que lhe rendeu prêmios e indicações como o Prêmio Paulo Rónai de tradução em 2013 e o 3º lugar no Jabuti de tradução em 2014 por suas traduções de *Mrs Dalloway* (2012) e *Ao Farol* (2013), de Virginia Woolf.

Este número especial da *Qorpus* deseja homenagear o trabalho e a figura de Denise Bottmann aproveitando a ocasião de seu aniversário de 70 anos, cumpridos em 15 de novembro. Para isso, fizemos esta espécie de síntese de sua trajetória até aqui, reunimos depoimentos de amigos, colegas e admiradores e publicamos uma entrevista realizada por Luci Collin em 2019.

Myllena Ribeiro Lacerda  
Marlova Gonsales Aseff